

DEPOIMENTO

A censura durante o período da ditadura, 1926-1974, representou, com altos e baixos, conforme as épocas, de maior ou menos dura repressão, o regime do puro arbítrio: polícia intelectual - e do pensamento - mais ou menos cega, sem qualquer subtilidade e pouco critério.

A censura exercia-se, antes do mais - digamos - preventivamente, porque os publicistas e os escritores, sentiam-na omnipresente sobre as suas próprias cabeças, inibindo-se de escrever sobre temas que sabiam que suscitavam, necessariamente, o lápis azul da censura. No entanto, não houve escritor que se prezasse, que não tivesse um ou vários livros apreendidos, proibidos ou mutilados pela censura.

Sendo um escritor circunstancial - sem nunca ter abordado temas de ficção - senti o peso directo da censura sobre apenas dois livros: "Escritos Políticos", editado clandestinamente pelo corajoso director do Jornal do Fundão António Paulouro, como "edição do autor", em 1969, no tempo da chamada "primavera caetanista". Apesar disso, foi apreendido pela censura e teve quatro edições, sucessivas, as duas últimas com a chancela da Editorial Inquérito do saudoso Eduardo Salgueiro. O outro, "O Portugal amordaçado", só pôde ser publicado em português depois do 25 de Abril. Foi editado em 1972 em francês "Le Portugal Baillonné - témoignage" pela Calman-Levy, graças ao enorme empenho do meu amigo Alain Oulman, então gerente da editora que pertencia a um seu tio. Foi depois traduzido em inglês, italiano, espanhol, alemão e, já depois de 1974, em grego e chinês.

Outro que intitulei "Escritos do Exílio" foi publicado pela Livraria Bertrand, mas só em 1975, tendo em parte sido publicado, nos anos finais da ditadura, no Brasil, intitulado "Caminho Difícil - do Salazarismo ao Caetanismo".

Portanto, a censura que se exerceu contra mim foi pouca coisa, em matéria de livros. Mas na imprensa, onde tentava furar, aproveitando as curtíssimas frinchas da chamada "liberdade suficiente", foi terrível. Tive inúmeros artigos cortados e nunca me foi possível ter acesso à Rádio nem à Televisão. Escrevi muito em jornais e revistas estrangeiras, com o meu nome e com pseudónimo. Dei inúmeras entrevistas e conferências de imprensa na América, no Brasil, em França e no Reino Unido. Mas a primeira vez que apareci na Televisão portuguesa, foi já depois do 25 de Abril. Nos últimos anos do exílio, em França, inventei um pseudónimo com que subscrevi vários artigos para o Jornal República: Claim d'Estaing, que obviamente se lia como a tradução de clandestino. A censura deixou-os passar. Nunca percebeu que Claim é um nome que não existe em França e como tinha d'Estaing talvez tenha pensado ser algum primo de Valéry Giscard d'Estaing, então Presidente da República Francesa...

Felicito a Direcção de Serviços de Documentação, Informação e Comunicação da Assembleia da República pelo excelente trabalho que tem realizado, de tão grande valor didáctico para a formação cívica dos portugueses.

Lisboa, 8 de Março de 2005